



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

## UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



**Agcom**  
Agência de  
Comunicação  
da UFSC

**24, 25, 26, 27 e 28 de dezembro de 2015**

Voluntários pelo espírito de Natal / Solidariedade / Papai Noel / Hospital Infantil Doutor Jeser Amarante Faria / Joinville / Rapel / Kleber Rodrigues / Rodrigo Horácio / Estiveson Jacques Machado / Florianópolis / Hospital Universitário / Serrinha / Pantanal / Caieira / Saco dos Limões / Tapera / Valdenir de Pinho

SUA VIDA | SOLIDARIEDADE

DIÁRIO CATARINENSE, 31  
QUINTA-FEIRA E SEXTA-FEIRA,  
24 E 25 DE DEZEMBRO DE 2015

# Voluntários pelo espírito de Natal

CATARINENSES SE FANTASIAM de super-heróis a uma versão surfista de Papai Noel para realizar sonhos de crianças pelo Estado

HASSAN FARIAS  
hassan.souza@an.com.br  
Joinville

Quatro super-heróis receberam uma missão especial nesta semana de Natal: juntarem-se ao Papai Noel para distribuir presentes e muita alegria para cerca de 100 crianças internadas no Hospital Infantil Doutor Jeser Amarante Faria, em Joinville. Acompanhados do Bom Velhinho, Homem-aranha, Batman, Super-homem e Homem de Ferro desceram de rapel da cobertura do prédio, interagindo com os pequenos pacientes nas janelas da unidade.

Do outro lado da rua, funcionários do hospital se reuniram para assistir à cena e viram a distância os rostinhos sorridentes. Em um leito de internação no quarto andar, o pequeno João Victor, de quatro anos, esperava ansioso para ver o Papai Noel. Enquanto a visita não chegava, o pai, Kleber Rodrigues, distraía o filho e perguntava o que ele gostaria de ganhar de Natal. A resposta era simples: uma balinha.

- E um jipe bem grande! - completou, ao lembrar de quando foi convidado a entrar no veículo do vizinho.

## ESCALADA DO BEM GUIADA POR PROFISSIONAIS DO RAPEL

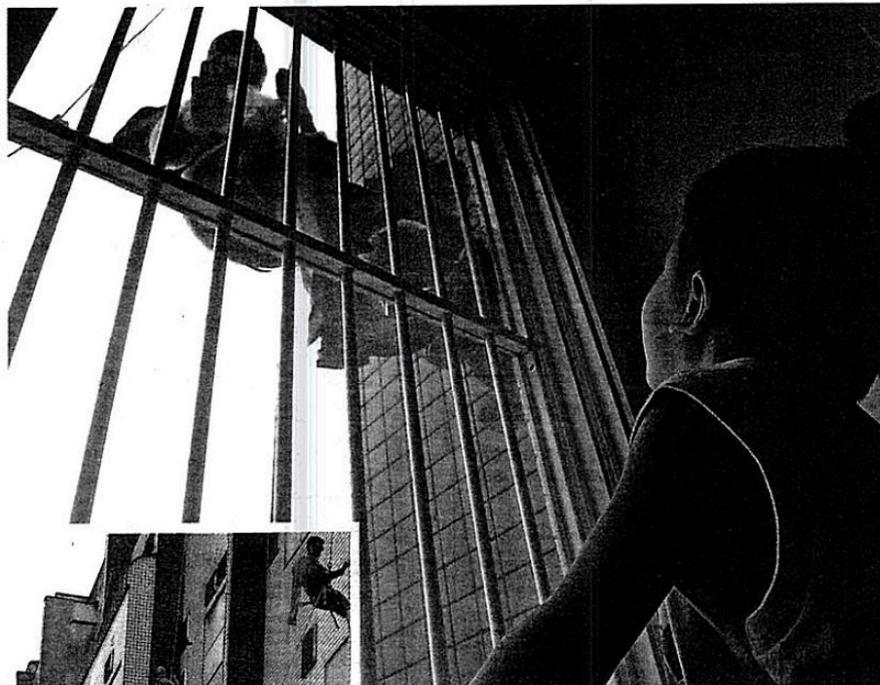
João Victor está internado desde o último sábado após ter sido atropelado. Quando receberia alta, descobriu que estava com pneumonia e agora deve passar o Natal internado no hospital. Assim que viu o Bom Velhinho, o menino perdeu toda a timidez e não parou mais de conversar. Ao lado, o pai observava sorridente.

- Quando ele soube do Papai Noel, já queria arrancar tudo para vir até a janela esperar por ele. Eu acho muito legal, porque distrai as crianças. Ele já estava ficando ansioso para ir embora, para brincar com o irmãozinho menor, que está em casa - conta Kleber.

A ação foi organizada pelo Grupo Cleanse, uma empresa de limpeza, serviços e jardinagem. Foram convidados quatro profissionais que trabalham em parceria com o grupo para fazer a surpresa. Rodrigo Horácio, que vestia a fantasia de Super-Homem, trabalha há cinco anos com alpinismo industrial e aceitou na hora o convite.

- Não pensei duas vezes. Temos saúde o ano inteiro e não tem por que não aproveitar essa oportunidade para vir alegrar essas crianças.

Os personagens desceram de rapel três vezes pelo hospital para que as crianças pudessem interagir com diferentes super-heróis da janela dos quartos. Após a aventura, eles encerraram a visita passando por todos os quartos de internação para distribuir presentes e sorvetes aos pequenos.



João Victor ficou animado com a visita do Bom Velhinho e dos super-heróis pela janela do quarto onde está internado



Estiveson Machado (D) se veste de Papai Noel surfista e doa brinquedos a crianças carentes com a ajuda de Geovani

## Noéis surfistas alegam as crianças

GABRIELE DUARTE  
gabriele.duarte@horasc.com.br  
Florianópolis

Pai de dois meninos, Estiveson Jacques Machado, 38, de Florianópolis, viu-se desesperado quando o menor dos filhos, então com cinco meses de vida, foi diagnosticado com bronquiolite aguda. O caso era grave e o menino teve de ser internado, porque não conseguia respirar.

- Deixei o Ygor no Hospital Universitário e vim chorando o caminho todo até em casa. Aí pensei: "se ele melhorar, eu seria Papai Noel das crianças carentes das comunidades aqui perto" - lembra da promessa feita há três anos.

O bebê ficou mais de uma semana no hospital, teve alta e hoje ajuda o pai na entrega de doces e brinquedos em bairros como Serrinha, Pantanal, Caieira, Saco dos Limões e Tapera.

- Este foi o primeiro Natal que ele participou. Disse que o Papai Noel precisava de ajuda para entregar presentes e ele topou. Foi inesquecível - lembra da última ação, que aconteceu no dia 19.

Mas Estiveson não é qualquer Papai

Noel. Com uma prancha vermelha de baixo dos braços, ele encena uma versão surfista do bom velhinho.

- Ele nem surfa! Se colocar na água, ele afunda. Mas tem mais a ver com Floripa, né? - diz rindo o amigo de infância, Geovani Valdenir de Pinho, 36, que foi convidado a fazer parte no primeiro ano e hoje vê o projeto independente crescer com orgulho.

Surfar a onda de solidariedade tornou-se o maior presente de Natal para a dupla de Papais Noéis surfistas e filhos de pescadores de Florianópolis. São, em média, mil crianças agraciadas a cada fim de ano.

A entrega de sorrisos, abraços, beijinhos, doces e brinquedos já é um ritual na vida de Estiveson e Geovani. Com a proximidade do Natal, eles começam a busca por doações a serem entregues às crianças, mas têm uma condição:

- Eu chego para os meus amigos e falo: "Quantos pacotes de bala tu vais me dar?" Encho bastante o saco deles para encher o meu saco de Papai Noel - brinca Estiveson, que está desempregado, mas se prepara para ter a mesma profissão do parceiro natalino: barbeiro.

## Notícias do Dia Especial

"Solidariedade para o ano inteiro"

Solidariedade para o ano inteiro / Ângela Olinda Dalri / Acre / Florianópolis /  
Reciclagem / UFSC / Roberta Gomes / Campeche / Natal / Soraya Zatar /  
Seove / Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna / Renato Schotten /  
Willian Celso Ramos / Rayana Bittencourt

EDITOR: Edson Rosa [redacao@noticiasdodia.com.br](mailto:redacao@noticiasdodia.com.br) @ND\_online

FLORIANÓPOLIS, SANTA FEIRA E SÁBADO, 24 E 25 DE DEZEMBRO DE 2015



Seove.  
Renato, Ryana,  
Loreti, Rudimar,  
Roberta, Soraya  
e Willian são  
voluntários e  
atuam juntos no  
Sul da Ilha

# Solidariedade para o ano inteiro

**Corrente do bem. Em grupos ou isoladamente, sobram exemplos de pessoas que ajudam a quem precisa**

**ALESSANDRA CAVALHEIRO**  
Especial para o ND

**Como ajudar**  
● Contatos: rua Capitão Romualdo de Barros, 591, próximo ao Supermercado Bica D'Água, bairro Carvoeira/  
[angeladalri@yahoo.com.br](mailto:angeladalri@yahoo.com.br)/  
Facebook Espaço Pixurum (em uupi guarani significa ajuda mútua).  
● Telefones: (48) 9680-9134/ (48) 3206-9544 (à noite). Casa Azul: (48) 3364-5412.

Ângela Olinda Dalri, 57, é daquelas pessoas solidárias o ano inteiro. Foi em 2007 que a dor da perda de um filho a levou a buscar um novo sentido para a vida, um motivo para seguir em frente. Encontrou forças ajudando outras pessoas. Ela imaginou que poderia amenizar a dor de outras mães ajudando jovens em situação de risco nas ruas.

Com alguns amigos, começou a fazer uma panela de sopa, aos domingos, para moradores de rua. Depois, os amigos se afastaram desta atividade e ela seguiu sozinha com a sopa. E começou a atender outros pedidos de ajuda, especialmente para jovens drogados. "Fui descobrindo os caminhos das comunidades terapêuticas por meio da prefeitura. As vezes, o carro deles não podia ir, então eu levava os jovens para a ressocialização, com ajuda de amigos. Acolhia algu-

mas pessoas depois do tratamento", conta Ângela, sem esconder a emoção.

Quando um grupo de haitianos veio do Acre para Florianópolis, em maio desse ano, eles foram acolhidos em um ginásio do município. Mas era preciso que alguém seguisse cuidando deles, e então, Ângela foi chamada para acompanhar um grupo. Sua missão era sair com eles, procurar emprego, providenciar documentação. "Tivemos um período chuvoso, eu estava sem carro. Foi bem difícil, mas conseguimos trabalho para alguns, outros ainda precisam de uma oportunidade e precisamos de todo tipo de ajuda", diz Ângela, que alugou uma casa para que pudessem, juntos, dividir as despesas do aluguel e, com seu apoio, recomeçar a vida. Um trabalho de reciclagem de lixo serve para pagar algumas contas, mas as despesas são altas para atender às necessidades de todo o grupo. Ângela sempre precisa de ajuda para poder continuar ajudando aos outros.

## Família ensina a repartir

Vinda de uma família de 12 filhos, sendo 10 mulheres e 2 homens, Ângela lembra que aprendeu a repartir com o uso de um alguidar (prato de barro, grande, onde cada porção era colocada em igual quantidade). "Aprendemos ali a repartir. Tínhamos dificuldades financeiras, mas não nos faltava alimento porque tínhamos a terra e o mar", conta.

O pai, de origem italiana, ensinou a plantar milho e fazer a polenta. A mãe, de origem açoriana, ensinou a pescar e coletar berbigão. "Todos ajudavam nas tarefas da casa", lembra Ângela. E assim ela tenta organizar os haitianos que estão sob seus cuidados. Formada em Geografia pela UFSC, Ângela trouxe a bagagem dos pais para a vida. E, hoje, é sensível aos haitianos que tiveram seu país assolado por um terremoto e perderam familiares, amigos e as condições mínimas de viver com dignidade.

## Abraço como recompensa

Roberta Gomes, 33, moradora do Campeche, tem três filhos, de 19, 16 e 11 anos. Perdeu o marido em um acidente de carro em 2014, e ela própria teve fraturas na coluna cervical e no calcanhar. Sem poder trabalhar, Roberta desistiu de celebrar o Natal porque havia pouca comida. Foi quando bateu à porta Soraya Zatar, interessada em ajudar sem receber nada em troca. Em suas mãos, uma enorme cesta natalina, com tudo o que precisava para a ceia.

No Natal de 2014, começou o movimento solidário na Seove (Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna), no Campeche, uma entidade filantrópica de amparo à velhice e de trabalhos com a comunidade, que atua desde 1972. Soraya e os amigos Renato Schotten, Willian Celso Ramos e Rayana Bittencourt encontram o suporte para a ação. Buscaram casos de famílias em situação de risco e delimitaram o foco no Sul da Ilha. Voluntários da Seove, então, começaram a confeccionar bonecas personalizadas de pano, que seriam trocadas por cestas de alimentos e outras doações. Hoje, 20 bonecas são trocadas por mês na comunidade, cada uma por duas cestas de alimentos.

# Diário Catarinense - Notícias

## "Eles ameaçavam matá-lo, diz familiar"

Eles ameaçavam matá-lo, diz familiar / João José Gonçalves / São João Batista / Bairro Cardoso / Daniel Netto Cândido / Polícia Civil / Natal / SC / Diário Catarinense / Guia de ética e Autorregulamentação Jornalística / Grupo RBS / Sidnei Hahnemann / Joinville / Rida Mahmud Ahmad Mohamma / Florianópolis / Nataniel Ribas / Papanduva / José Rebonatto / União do Oeste / Benta Pivatto / Penha / Alcino Pasqualoto Neto / Itapema / Raul Fernandes Bridi / Caçador / Alessandro Webber / Porto União / Antônio Carlos Theiss / Trindade / São José / Carolina Luisa Vieira / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / São José dos Pinhais / Curitiba / Paraná / Lages / Ilhota

NOTÍCIAS | SEGURANÇA

## "Eles ameaçavam matá-lo", diz familiar

Mais de 100 pessoas, entre amigos e familiares, aguardaram a chegada de João José Gonçalves em São João Batista. Elas se reuniram na casa de Gonçalves, no bairro Cardoso, onde também reside Daniel Netto Cândido, prefeito. A família recebeu o empresário na cidade com lágrimas, abraços, emoção e fogos de artifício. Ele chegou com os agentes da Polícia Civil.

Familiares atirados pela reportagem relatam que durante os 15 dias de sequestro e negociação pela liberação de Gonçalves, os bandidos fizeram muitas ameaças.

— Eles fazem terrorismo. Ligavam fazendo ameaças, queriam matar ele (Gonçalves). Eram ameaças bem pesadas para receber o pagamento — contou um familiar

que não quis se identificar.

Os bandidos queriam R\$ 8 milhões da família. Enquanto o caso não se resolvia, os familiares faziam vigílias noturnas de oração e buscas pelo empresário. Uma pessoa próxima contou que um grupo de 70 pessoas chegou a procurar por Gonçalves nos matagais da cidade.

Um dos seis filhos do empresário sequestrado andou por terrenos em São João Batista durante as noites procurando pelo pai aos gritos. Agora, com o caso resolvido, o clima na casa dos Gonçalves é de alívio.

Um familiar resumiu o sentimento que dominava o local na tarde de sexta-feira:

— É o Natal mais triste e alegre da nossa vida.



DIÁRIO CATARINENSE,  
SÁBADO E DOMINGO,  
26 E 27 DE DEZEMBRO DE 2015

JEFFERSON CIOATTO  
Editor de Capa e de Opinião

## Eficiência policial e ética jornalística

A solução do caso de sequestro do empresário de São João Batista, resultado do eficiente trabalho de investigação da Polícia Civil catarinense em parceria com a paranaense, mostra que há pontos elogiáveis na segurança pública. Levar pessoas para exigir resgate é uma prática que em SC não se expande, muito em função do histórico de solução deste crime no Estado.

O Diário Catarinense monitora o caso desde a tarde do dia 10 de dezembro. Conforme preconiza nosso Guia de Ética e Autorregulamentação Jornalística, o Grupo RBS não divulga informações de sequestro em andamento porque, em consonância

com as autoridades judiciais e policiais, colabora para não atrapalhar as investigações ou agravar a situação da vítima — agimos assim, recentemente, no caso do sequestro de um menino filho de empresário em Ilhota, também com final feliz para a família.

A maior efetividade dos quadros da segurança pública, com mais crimes resolvidos, é uma das maneiras que o Estado tem de devolver aos catarinenses a sensação de segurança que caracterizou o Estado até recentemente. Não à toa, o tema foi escolhido por 86% dos votos de pesquisa feita pelo DC para ser a causa com cobertura especial até dezembro de 2016.

### CASOS EMBLEMÁTICOS EM SC NOS ÚLTIMOS 10 ANOS

O sequestro do empresário de São João Batista, João José Gonçalves, que terminou nesta sexta-feira com a libertação dele e a prisão de dois bandidos, traz à memória dos catarinenses outros casos ocorridos no Estado. Relembre os principais:

#### DEZ 2005 Sidnei Hahnemann, Joinville

Negociação:

R\$ 545 mil e joias

O empresário de 37 anos foi interceptado na entrada da empresa do pai, a Transportes Mann. Os bandidos se identificaram como sendo policiais federais. O sequestro durou 11 dias. O empresário foi libertado em Guararamirim. A quadrilha era internacional formada por bandidos paraguaios. O monitoramento telefônico que levou a polícia até os bandidos teve sucesso em razão de um deslize do paraguaio Idelino Ramon Silvero, o mentor do sequestro: ele utilizou o aparelho da vítima e caiu no grampo policial.

#### JAN 2006 Rida Mahmud Ahmad Mohamma, Florianópolis

Negociação: Sem pagamento

O sequestro do empresário da Capital durou 22 dias. Ele foi libertado em Minas Gerais. Os sequestradores pediam US\$ 1 milhão de resgate.

#### JUN 2007 Nataniel Ribas, Papanduva

Negociação: Sem pagamento

Foi rendido na sua fazenda. A polícia localizou os sequestradores no dia da morte da vítima.

#### FEV 2008 José Rebonatto, União do Oeste

Negociação:

R\$ 50 mil

José, a mulher e o filho foram levados para um cativo. O sequestro durou 4 horas e meia. A mulher e o filho foram libertados na BR-282.

#### JUL 2009 Benta Pivatto, Penha

Negociação:

R\$ 67 mil

Sequestrado junto com o filho em um hotel. Foi

libertada 30 horas depois em São Paulo.

#### JUL 2009 Alcino Pasqualoto Neto, Itapema

Negociação:

R\$ 550 mil

Filho de empresário da construção civil. O sequestro durou 28 horas. Alcino foi libertado em Barra Velha.

#### JUL 2009 Raul Fernandes Bridi, Caçador

Negociação:

R\$ 27,5 mil

O médico foi abordado quando ia para a chácara da família. Ficou dez horas em cativo.

#### JUL 2010 Alessandro Webber, Porto União

Negociação:

R\$ 91 mil

O adolescente de 17 anos foi pego ao chegar em casa. Ficou quatro dias no cativo.

#### JUL 2010 Antônio Carlos Theiss, Florianópolis

Negociação:

R\$ 2 mil

O engenheiro foi sequestrado no portão de sua casa, no Bairro Trindade, na Capital. Ficou oito horas como refém num cativo em São José.

#### JUN 2011 Adolescente, Caçador

Negociação: sem pagamento

Uma adolescente de 14 anos, filha de agricultores, foi sequestrada em Caçador. Ela ficou dois dias em poder dos criminosos. Os sequestradores exigiram R\$30 mil para libertá-la.

#### MAI 2012 Carolina Luisa Vieira, Florianópolis

Negociação: sem pagamento

A engenheira Carolina Luisa Vieira, 28 anos, em

Florianópolis, foi sequestrada nas proximidades da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e ficou 11 horas em poder de um sequestrador no carro da vítima. Ela foi libertada no aeroporto de São José dos Pinhais, na Região Metropolitana de Curitiba, no Paraná.

#### SET 2013 Dez pessoas, em Lages

Negociação: sem pagamento

Dez pessoas integrantes de famílias de três gerentes de bancos, em Lages, foram sequestradas. Acabaram libertadas.

#### JUN 2014 Menino de 9 anos, em Ilhota

Negociação: sem pagamento

Terminou depois de cinco dias o sequestro de um garoto de 9 anos que mobilizou a Divisão Antissequestro da Diretoria Estadual de Investigações Criminais (Deic). Angelo Antonio, filho do empresário Jean Carlos de Oliveira de Ilhota, brincava com um patinete motorizado a 250 metros de casa, em Ilhota, quando foi visto pela última vez quinta-feira passada.

## Família alugou pousada para policiais

Durante todo o período de investigação, a Polícia Civil montou um quartel-general em Nova Trento, município que fica a menos de 10 quilômetros de São João Batista.

A iniciativa da Diretoria Estadual de Investigações Criminais (Deic) ocorreu para que os policiais pudessem estar mais próximos da região onde ocorreu o sequestro.

Para que os agentes pudessem ficar na cidade, a família de João José Gonçalves alugou parte de uma pousada em Nova Trento. Como a internet no local não era das melhores, os familiares pagaram para que a qualidade do sinal fosse melhorada.

### AGENTES RECEBERAM CEIA DE NATAL

A sintonia entre os policiais e a família ainda ficou mais afinada na noite de véspera de Natal, quando os agentes receberam a ceia feita por familiares de Gonçalves. Em todo momento da investigação do sequestro, eles procuraram dar as melhores condições para o trabalho da Deic e ficaram surpreendidos com tamanha dedicação aplicada pelos policiais no caso.

Na sexta-feira, ao fim da operação e com o resgate do empresário de 75 anos, em um áudio compartilhado pela ferramenta de mensagem instantânea WhatsApp, o delegado responsável pelo caso, Anselmo Cruz, chegou a se emocionar ao relatar o fim do sequestro.



Fontes: Deic e jornais Diário Catarinense, A Notícia e Jornal de Santa Catarina

## Notícias do Dia - Cidade

"Da roça à pesca e ao turismo"

Da roça à pesca e ao turismo / Economia / Subsistência / Florianópolis / Açores / Pesca / Alésio Passos / Canto da Lagoa / Lagoa da Conceição / Avenida das Rendeiras / Praia Mole / Joaquina / Barra da Lagoa / Poluição / Ratonos / Santo Antônio de Lisboa / Idésio Leal / Canto dos Araçás / Ponta Grossa / Rua João Henrique Gonçalves / APP / Área de Preservação Permanente / Edson Rocha / Almir Pinheiro / Arão Bonifácio / Jonas Arão Rosa / Lagoa de Dentro / Lagoa de Fora / Morro das Sete Voltas / Trindade / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Smartphone / Greenpeace / BBC / Londres / Damião Oliveira / Tilag / Terminal de Integração da Lagoa / Avenida Osni Ortiga / Rio Tavares / Campeche / Bento Silvério / Porto da Lagoa / Porto da Missa / Capela do Santuário de Nossa Senhora da Lagoa / Acelino Medeiros / Retiro / Fortaleza da Barra

# Da roça à pesca e ao turismo

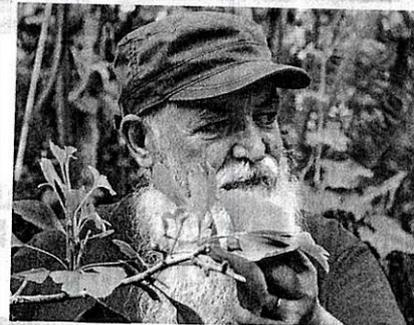
**Economia. Meios de subsistência mudam também nas vilas tradicionais da orla**

**P**rimera freguesia de Florianópolis, fundada em 1750, a orla da Lagoa começou a ser ocupada por agricultores trazidos dos Açores, que pouco sabiam da pesca. Alguns anos mais tarde, a terra fértil da encosta de mata atlântica se transformou em uma grande roça, com plantações contíguas de trigo, cana, mandioca, feijão, batata doce, amendoim, linho e algodão. Era forte a produção de farinha e cachaça.

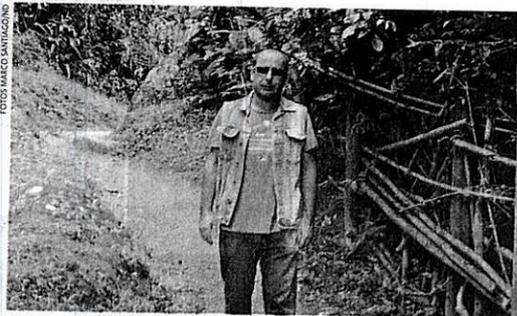
"Hoje, sobrou mais mata do que na minha infância. Era tudo plantação e pastagens para gado", compara Alésio Passos. Até a década de 1960, eram 105 engenhos no trecho entre a Costa e o Canto da Lagoa. Pescaria era apenas complemento do sustento familiar.

A segunda fase econômica da baía da Lagoa da Conceição ocorreu entre as décadas de 1950 e 1960, com a chegada da luz elétrica. A refrigeração e a produção de gelo facilitaram o armazenamento dos pescados, antes conservados com sal e secados ao sol. Peixes escalados, principalmente tainhas, eram depenurados em varais ao ar livre. "Abundante, o camarão era desidratado sobre telhados e nas eiras, as plataformas usadas também para secar café e feijão", conta Alésio Passos.

As primeiras casas de veraneio e restaurantes começaram a surgir a partir de 1970. A abertura da avenida das Rendeiras facilitou o acesso às praias Mole, Joaquina e à Barra da Lagoa, ao Leste e estimulou a ocupação imobiliária desordenada na orla e no atual centrinho. O novo sistema viário representa o fim do isolamento geográfico e cultural e a entrada no roteiro gastronômico da cidade, agora com cardápios que oferecem do camarão típico a sabores da alta culinária internacional.



Ambientalista. Funcionário público e adepto da farmácia natural, Alésio Passos percebe transformações na comunidade



Artista. Idésio Leal vê melhorias na questão ambiental, mas critica interferências culturais grosseiras

## Poluição diminui, mas ainda é preocupante

A infância ele passou entre Ratonos e Santo Antônio de Lisboa, mas o artista visual Idésio Leal, 52, faz questão de reverenciar a natureza quando chega ao ateliê montado há 30 anos na transição entre o Canto dos Araçás e a Ponta Grossa, primeira vila da Costa. "É a primeira casa da trilha, cercada de mata atlântica e por uma das cachoeiras que deságuam na lagoa", diz Idésio, preocupado com recentes atos de vandalismo e furto em automóveis estacionados no trecho final da rua João Henrique Gonçalves.

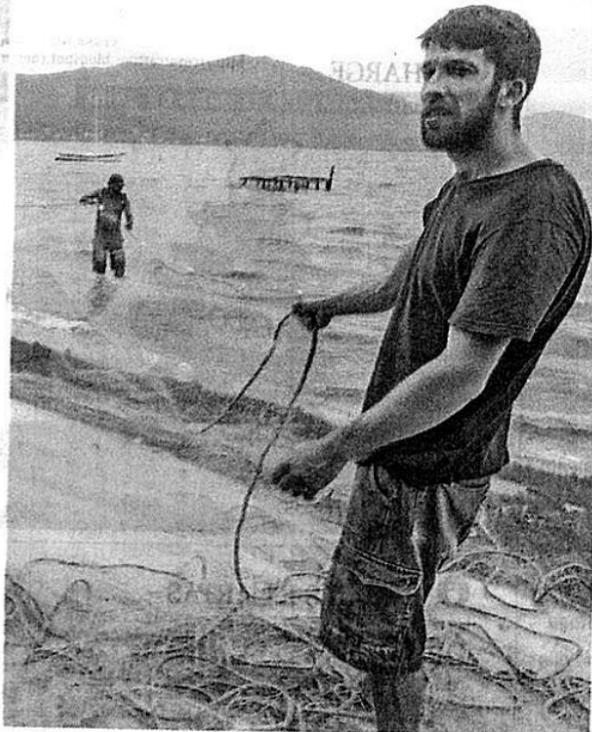
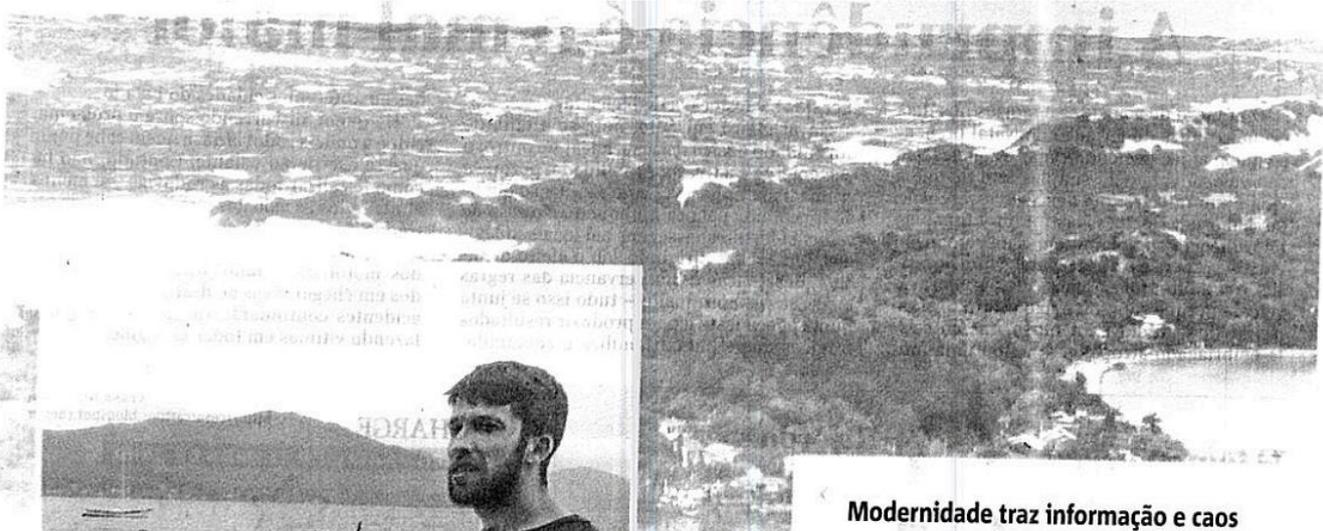
Com escritura pública, a propriedade dele está em APP (Área de Preservação Permanente), na encosta da mata atlântica e à beira da lagoa, praticamente imperceptível por quem caminha pela trilha. "A ideia é causar o mínimo de impacto", diz. Leal reconhece avanços na questão ambiental e aponta dois aspectos importantes para a mudança. "A poluição

diminuiu nos últimos anos, assim como o índice de ocupações irregulares na orla", diz. Mas também percebe a degradação cultural mais crescente. "Sobra a cultura do 'tá ligado', a inversão de valores", critica.

Eventuais melhorias na qualidade da água são insuficientes para convencer a agente de saúde Elza de Oliveira, 37, a entrar novamente na lagoa. Neta e filha de pescadores e agricultores, antes de entrar no serviço público, há 15 anos, ela trabalhou na roça e aprendeu a pescar – e hoje lamenta a degradação ambiental e social. "Sinto uma grande tristeza quando caminho pela orla e fico sufocada com o cheiro forte de esgoto. Estamos matando a nossa lagoa", diz. No posto de saúde, Elza constata diariamente o inchaço migratório e a demanda de pacientes cada vez maior. Pelos cálculos dela, apenas 20% das pessoas atendidas lá são nativas da Lagoa.

### COMUNIDADES DO ENTORNO

- **Atuais**
- Canto da Lagoa
- Canto dos Araçás
- Ponta das Almas
- Ponta Grossa
- Costa
- Centrinho
- Rendeiras
- Retiro
- Barra e Fortaleza
- Rio vermelho
- **Praias**
- Joaquina
- Gravatá
- Mole
- Galheta
- Prainha/Barra
- Moçambique
- **Antigas**
- Freguesia
- Caleira
- Ponta da Quitéria
- Marisco Seco
- Limoeiro
- Ponta do Campo
- Ponta do Navio
- Canto da Lagoa
- Baixio
- Morro do Badojo
- Saco da Lama
- Caixaão de Pregos
- Saguinho da Joana
- Tajava
- Porto
- Porto da Missa



Rede pronta. Jonas Arão segue legado de avós e pais e mantém núcleo de pesca artesanal à beira da lagoa.

## Trabalho e lazer ao ar livre o ano-inteiro

Passatempo para os paranaenses Edson Rocha, 55, e Almir Pinheiro, 51, a pesca ainda é meio de subsistência e principal fonte de renda para Arão Bonifácio, 67, e Jonas Arão Rosa, 31, pai e filho que comandam a tripulação do bote Açoriano, de oito metros de comprimento e equipado com redes de espera para corvinas e anchovas. Para os curitibanos, que há 15 anos chegaram para ficar em Florianópolis, vale a diversão e a expectativa de voltar para casa com um ou dois peixes, "para a cervejinha de fim de tarde". Equipados com molinetes de mão e iscas artificiais, eles adotam método pouco convencional entre pescadores artesanais da Ilha.

"É a pescaria de currículo", explica Pinheiro, enquanto lança o anzol a menos de 50 metros do canal sob a ponte da avenida das rendeiras, entre as lagoas de Dentro e de Fora. Em seguida, puxa a linha bruscamente para que a isca artificial simule o movimento de peixe na superfície. "É bom para pegar papaterra, anchoveta ou robalo. Importante é que não é pescaria predatória", diz.

Enquanto isso, na outra ponta da orla, no gramado que separa a avenida das Rendeiras da linha da preamar, a tripulação do Açoriano embarca a rede para mais uma noite de pescaria no mar aberto. "Vamos sair aqui fora do parcel, na frente da Joaquina. É um bom pesqueiro para anchovas", diz Jonas Arão, que aprendeu a gostar do ofício de tanto ouvir as histórias do pai. "É uma profissão nobre, que garante alimento de qualidade à população e nos mantém ligados à cultura do passado", diz.

## Modernidade traz informação e caos

Para quem na adolescência atravessava a pé o morro das Sete Voltas para estudar na Trindade, o que assusta não é a mudança, mas a velocidade com que ela se manifesta. "A escola mais próxima ficava no atual campus da UFSC [Universidade Federal de Santa Catarina]", diz Alésio Passos. O *smartphone* conectado não é novidade para o pescador, que na juventude usava telegramas para denunciar crimes ambientais ao Greenpeace ou enviar textos sobre a Lagoa à BBC, emissora de rádio de Londres. Aos poucos, a comunidade tradicional se adapta à diversidade social e cultural, convivendo com novos costumes. Ao olhar para a frente, no entanto, Passos não enxerga ações capazes de resolver a poluição, o trânsito desorganizado, a violência que assusta e a falta de infraestrutura urbana. "Quais os limites do caos? Precisamos fazer algo, enquanto é tempo de salvar a Lagoa e sua história", diz.

História que passa, obrigatoriamente, por personagens como o falecido Damião Oliveira, ilustre morador que deu nome ao Tilag (Terminal de Integração da Lagoa) e é um dos símbolos do fim do isolamento geográfico. Empreendedores e visionários, ele e os irmãos Andriano e Silvio diversificaram os negócios, antes concentrados apenas em produtos agrícolas e na pesca, e foram os pioneiros no transporte coletivo até o centro da cidade pelo até então intransponível morro do Barro Vermelho – ou morro das Sete Voltas. Na década de 1960, a caminhonete de Damião foi a primeira a levar passageiros ao Centro. "Nos dias de chuva, eram amarradas correntes nos pneus, e dois homens empurravam as rodas dianteiras para não derrapar", conta Acelino de Medeiros, que viu a chegada dos primeiros ônibus, nas décadas de 1970 e 1980. "Depois, as caminhonetes só transportavam fretes de mercadorias", diz.

## Localidades mantêm nomes originais

Protegidas dos ventos sul e nordeste, praias localizadas na margem sudeste da Lagoa de Dentro [na orla da atual avenida Osni Ortiga], eram adequadas para a saída de pequenas e médias canoas a remo e vela. Carregadas com melancias, amendoins e fardos de mandioca e feijão cultivados nas areias do Rio Tavares e Campeche, as embarcações navegavam até as proximidades da pracinha da freguesia, a atual Bento Silvério, e voltavam abarrotadas de peixes e camarões.

De tão intenso, o vaivém das canoas deu ao lugar o nome de Porto da Lagoa, bairro que fica na transição entre as costas leste e sul da Ilha. Entre os vários pontos de atracação, um deles era o Porto da Missa, onde moradores da região do Rio Tavares e do Canto embarcavam para assistir às celebrações religiosas na capela do Santuário de Nossa Senhora da Lagoa, um dos pontos turísticos do lugar.

Morador mais antigo da primeira freguesia da Ilha, Acelino Medeiros viu de perto a transformação urbana do bairro e lembra aspectos curiosos da formação das comunidades da orla. O Canto dos Araçás, por exemplo, não faz jus ao nome, já que a abundância do pequeno fruto amarelo ocorria na margem oposta, entre o Retiro e a Fortaleza da Barra. "O pessoal daqui atravessava de canoa para colher, e quem morava no outro lado gritava: lá vem a turma dos araçás", sorri.

## A Notícia Notícia 13

“Jornalista morre atropelado em SC”

Jornalista morre atropelado em SC / Violência no trânsito / Róger Bitencourt / Florianópolis / Associação Catarinense de Imprensa / SC-401 / Gustavo Raupp Schardosim / Santa Catarina / Univali / Itajaí / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Fábrica de Comunicação / Sander De-Mira / Associação Comercial e Industrial de Florianópolis / Acif / Jacinto Silveira / Balneário Camboriú / Cleber Tappi Serrano

ESTADO | VIOLÊNCIA NO TRÂNSITO

# Jornalista morre atropelado em SC

Róger Bitencourt, que já foi secretário estadual da Comunicação, foi atingido enquanto pedalava

Morreu ontem, em Florianópolis, o vice-presidente da Associação Catarinense de Imprensa, Róger Bitencourt, 49 anos. O jornalista e empresário foi atropelado quando andava de bicicleta na SC-401, próximo ao viaduto que dá acesso ao bairro Jurerê. O condutor da Parati de cor preta, Gustavo Raupp Schardosim, 39 anos, foi preso em flagrante e confessou ter ingerido bebida alcoólica.

Ex-secretário de Estado de Comunicação, Róger morava em Santa Catarina há 22 anos e atuou como professor dos cursos de Jornalismo da Univali (Itajaí) e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Também é sócio-fundador da Fábrica de Comunicação.

Praticante de esportes como corrida de aventura, maratona e triatlo, o empresário pedala-

va com um grupo de treino de cinco pessoas pelo acostamento da rodovia no momento da colisão. Segundo Sander De-Mira, presidente da Associação Comercial e Industrial de Florianópolis (Acif) e um dos membros da equipe, Róger e o colega Jacinto Silveira iam à frente do pelotão quando foram atingidos. Sander conta que o motorista tentou fugir do local, mas foi impedido por populares.

Bitencourt deixa esposa e uma filha. O corpo será cremado hoje em Balneário Camboriú.

### Condutor será indiciado por três crimes

De acordo com o delegado Cleber Tappi Serrano, o con-

ductor Gustavo Raupp será indiciado por homicídio doloso, quando há intenção de matar, lesão corporal dolosa e por dirigir sob a influência de álcool ou substância de efeitos análogos.

— Ele estava com as vestes desalinhas, desorientado, com forte odor etílico, aqui na delegacia inclusive. Ele confessou que ingeriu bebida alcoólica numa festa momentos antes de ter dirigido o veículo. Também foi encontrada droga no interior da Parati. Esses elementos me levaram à decisão por homicídio doloso e não o culposo na condução de veículo automotor — explicou o delegado.

No depoimento, conforme o delegado, o motorista disse que estava arrependido e que não lembrava do que ocorreu no momento do acidente.

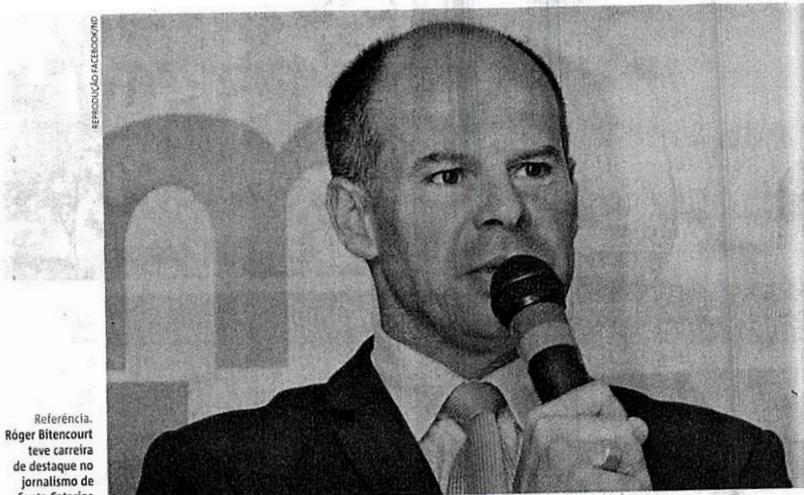


**UMA VIDA DE ATLETA**  
Empresário era praticante de triatlo e participava de competições pelo país

## Notícias do Dia - Especial

### "De "foca" a empresário"

De foca a empresário / Rio Grande do Sul / Róger Bitencourt / Jornal de Santa Catarina / Blumenau / Avenida Rio Branco / Carlos Damião / RBS / PUC-RS / Diário Catarinense / Univali / UFSC / Paulo Afonso Vieira / Vilson Kleinübing / Assembleia Legislativa / Paulo Arenhart / Florianópolis / Fundação Catarinense de Cultura / Fábrica de Comunicação / Karin Verzbickas / Reunidas / Sebrae / Klabin / Autopista Litoral Sul / O Boticário / Associação FloripAmanhã / ACI / Associação Catarinense de Imprensa / Internacional / Cemitério Jardim da Paz / Ademir Arnon / Crematório Vaticano / Balneário Camboriú / Antunes Severo / Fábio Sprada de Menezes



Referência. Róger Bitencourt teve carreira de destaque no jornalismo de Santa Catarina

“ Sabia apreciar a vida. Buscava fazer o melhor e tinha o dom de conciliar trabalho com políticos e amigos sem que uma coisa interferisse na outra. ”

Billy Culleton, jornalista

“ Roger era um associativista por natureza. Circulava com a mesma desenvoltura entre governadores, secretários de Estado e jornalistas. Tínhamos uma relação de cumplicidade. Pra mim, eu o tinha como um filho. ”

Ademir Arnon, presidente da ACI

## De "foca" a empresário

**Sucesso. Jornalista passou por redações até criar uma empresa de comunicação corporativa**

PAULO CLÓVIS SCHMITZ  
pc@noticiasdodia.com.br  
@pc\_ND

Quando chegou do Rio Grande do Sul, ainda sem experiência, no final da década de 1980, Róger Bitencourt e um colega recém-formado bateram na porta da sucursal ilhoa do "Jornal de Santa Catarina", sediado em Blumenau, que tinha uma ampla redação na avenida Rio Branco, na Capital. Fez um teste, escreveu a reportagem e voltou para a pensão que acabara de alugar. Dois dias depois, quando o editor Carlos Damião conseguiu localizá-lo, a resposta foi curta: em outro teste, fora aprovado e contratado pela RBS, e já estava trabalhando. Era o início de uma carreira brilhante que transformou, em pouco mais de duas décadas, o novato saído da PUC-RS num bem-sucedido empresário da área da comunicação corporativa.

As passagens pela RBS-TV, como chefe de reportagem e editor-chefe, e pelo "Diário Catarinense", nas funções de repórter, editor e subeditor-chefe, pavimentaram a curta fase seguinte como professor universitário (Univali e UFSC) e a extensa trajetória de

vínculos com a vida política catarinense, que começou na primeira campanha de Paulo Afonso Vieira ao governo do Estado, em 1990. Derrotado por Vilson Kleinübing, o peemedebista voltou a concorrer quatro anos depois e se elegeu, levando Róger Bitencourt para o secretariado. Dali para frente, o jornalista não se afastou mais dos corredores do poder, mesmo quando o partido a que servia estava na oposição. As amizades e contatos que fizera o levaram a atender a Assembleia Legislativa e personalidades em evidência na política estadual.

Seu colega desde 1989, quando cobria a Assembleia, Paulo Arenhart é mais um entre os tantos que ressaltam a capacidade de agregação e de articulação de Bitencourt. Uma "amizade absurda" os uniu a partir de 1990. "Competente, com uma visão política aprimorada, só acumulou amigos nestes mais de 30 anos de Florianópolis", disse o jornalista, que antecedeu Róger na Secretaria de Comunicação e que depois foi para a direção da Fundação Catarinense de Cultura. "Era incansável, trabalhador, agradável, focado, amigo de todos, do porteiro do prédio ao governador", reforça Arenhart.

**Um atleta de olho na segurança**

Quando Paulo Afonso saiu do governo, em janeiro de 1999, Róger Bitencourt criou a Fábrica de Comunicação, junto com a também jornalista Karin Verzbickas, que se tornaria sua mulher. Com clientes como Reunidas, Sebrae/SC, Klabin, Autopista Litoral Sul e O Boticário, a empresa é uma das maiores do Sul do país em seu segmento. Além de assessoria de imprensa, trabalha com planejamento e coordenação de projetos de comunicação social, traça estratégias de marketing de empresas públicas e privadas e faz campanhas para candidatos a cargos eletivos.

Bitencourt é qualificado pelos amigos como um empreendedor arrojado que nunca se deixou contaminar pelo sucesso. Tanto que atendia a clientes sem cobrar, como no caso da Associação FloripAmanhã, revelando uma preocupação com o futuro da cidade. Investiu na dinamização da ACI (Associação Catarinense de Imprensa), por cuja presidência vinha respondendo, e como atleta se envolveu em campanhas pelo aumento da segurança dos esportistas, principalmente maratonistas e ciclistas. Foi nessa rotina que aumentou o rol de amizades e encontrou uma maneira de vencer o estresse. "Era um obstinado, um líder que sempre atraía as pessoas à sua volta", destaca o jornalista Carlos Damião.

O jornalista deixa a mulher Karin e os filhos Augusto, Fernanda e Sofia – os dois primetos, seus enteados.

**"Perda irreparável", diz Arnon**

O último adeus reuniu amigos, políticos, colegas jornalistas e personalidades. O caixão foi coberto com a bandeira do Internacional, do qual Roger Bitencourt era vice-convul em Santa Catarina. A capela verde do cemitério Jardim da Paz ficou lotada. A família foi confortada por amigos que em vão tentavam buscar uma explicação para a morte trágica. "Fiquei chocado com a brutalidade. É uma perda irreparável", comentou o presidente da ACI, Ademir Arnon.

O corpo do jornalista será cremado nesta segunda no Crematório Vaticano, em Balneário Camboriú.



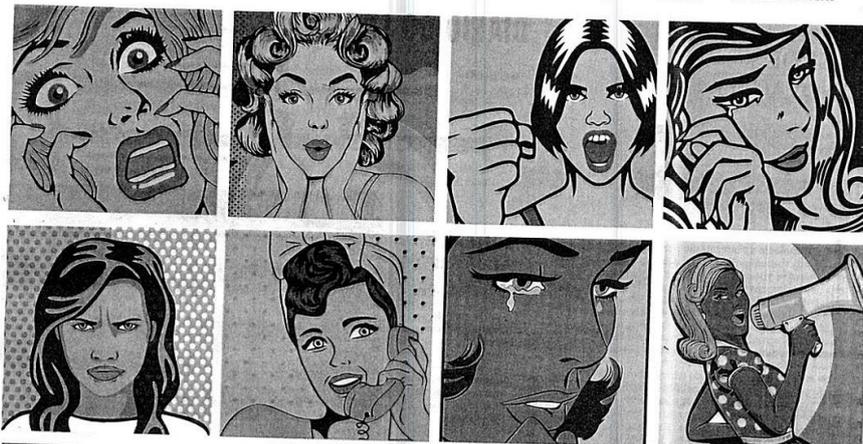
**Antunes Severo**  
A morte brutal do Róger é triste, dolorosa, assustadora. Vai para as estatísticas policiais, quando deveria ir para a mesa dos governantes – aqui incluídos Legislativo, Executivo e Judiciário. O que dizer para a família enlutada, para os amigos do coração, para os colegas de profissão? O que dizer, senhores do poder?!

**Fábio Sprada de Menezes**  
Mais um boa praça que se vai por causa de um idiota inconsequente no trânsito. Pior é saber que dificilmente a justiça será feita. Cara que sempre respeitei e que era sempre um bom papo. Fora isso, o Róger era um senhor corredor e um baita profissional! Força à família, amigos e ao seu coach Fernando Serra. A comunidade do triatlo e das corridas está triste.

# Diário Catarinense - Sua Vida

## "O ano em que elas disseram basta"

O ano em que elas disseram basta / Machismo / Violência / Assédio moral / Assédio sexual / Gênero / Central de Atendimento à Mulher / Polícia Civil / Violência doméstica / Exame Nacional do Ensino Médio / Enem / Primavera das mulheres / Lei 5.069 / Eduardo Cunha / Florianópolis / Ciclo de violência doméstica / Organização Mundial da Saúde / OMS / Santa Catarina / Comissão Parlamentar Mista da Violência Contra a Mulher / / Congresso Nacional / Lages / Mafra / Criciúma / Balneário Camboriú / Chapecó / Medo / Josiane Madeira Espíndola / São José / Disque-denúncia / Delegacias da Mulher / Coordenadoria de Execução Penal e Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher / Salete Silva Sommariva / Tribunal de Justiça / Dalva Maria Kaiser / Dirce Heiderscheidt / Casa da Mulher Brasileira / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Marina Juliana Gonçalves / Aborto / Estupro / Coletivo Jornalismo sem Machismo / Laboratório de Estudos de Gênero e História / Cristina Wolff



# O ANO EM QUE ELAS DISSERAM BASTA

Saiba como a legislação diferencia os efeitos do assédio sexual [leiadsc.org/assedioelelogio](http://leiadsc.org/assedioelelogio)

**1**  
**MAPA DA VIOLÊNCIA**  
Segundo o estudo de 2015, 50,3% das mortes violentas de mulheres são cometidas por familiares e 53,2% por parceiros ou ex.

**2**  
**Mulheres (e SC) usam tecnologia para denunciar o assédio**  
[leiadsc.org/capipira](http://leiadsc.org/capipira)

**MACHISMO, VIOLÊNCIA, PROJETOS** de lei polêmicos e a reação das ruas. Esse conjunto de fatores resultou em um ano marcado pelo protagonismo feminino em busca da solução de crimes e do fim do assédio moral e sexual

**GABRIELE DUARTE**  
gabrielle.duarte@norasc.com.br

A violência contra a mulher dificilmente sai de pauta. Páginas policiais comprovam constantemente a existência de agressões motivadas pelo gênero. O que é menos comum é ver a mulher não apenas na condição de vítima de crimes, mas assumindo o papel de protagonistas das próprias vidas. Foi isso que ocorreu em 2015. Em atos contra o machismo, em manifestações contra projetos de lei que tomam decisões por elas, as mulheres disseram basta.

Só no primeiro semestre deste ano, em média 179 casos diários de agressão foram denunciadas à Central de Atendimento à Mulher no país. Em 31% há chance de morte. O tema também é latente em Santa Catarina. Até agosto de 2015, foram em média 18 agressões por dia contra a mulher – todas tipificadas pela Polícia Civil como violência doméstica. Nos oito

primeiros meses do ano, 26 mulheres foram mortas pelos companheiros. O número de estuproas pelos cônjuges foi superior: 37 casos.

Mas uma análise positiva pode surgir dos números: o aumento dos relatos mostra a conscientização sobre a importância de fazer a denúncia – algo que não acontece por acaso.

A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira voltou em peso aos holofotes depois de ser tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), em outubro de 2015. No mês seguinte, o assunto foi das redes sociais para as ruas, quando milhares de mulheres protestaram por direitos.

O estopim do evento batizado de "primavera das mulheres" foi o avanço do projeto de lei 5.069, de autoria do presidente da Câmara, Eduardo Cunha, que dificulta o aborto legal em caso de estupro. Mas também trouxe à pauta a reivindicação contra a expressão máxima do machismo: a violência. Para se ter ideia, entre janeiro

de 2014 e outubro de 2015, a busca pelos termos "feminismo" e "empoderamento feminino" no Google foi de 8,1 mil para 90 mil e de 70 para 3,6 mil, respectivamente. O ciberativismo tomou corpo em Florianópolis em duas manifestações femininas em novembro, nos dias 6 e 19.

### SC TEM EM MÉDIA 33 AMEAÇAS CONTRA AS MULHERES POR DIA

O chamado ciclo de violência doméstica tem início na ameaça, passa pela agressão e pode se encerrar com a morte. A Organização Mundial da Saúde (OMS) identifica o feminicídio como o assassinato intencional de mulheres apenas pelo fato de elas serem mulheres.

Além da dificuldade que as vítimas têm para sair da situação de violência doméstica, seja pela dependência emocional, financeira ou familiar, a estatística as une. Somente entre janeiro e agosto de 2015 foram registrados 8.865 casos de ameaça contra

a mulher no Estado (média de 33 por dia). No mesmo período, houve 4.346 ocorrências de lesão corporal dolosa – quando há a intenção de machucar e marcas são deixadas.

Na Grande Florianópolis, foram identificadas 1.841 ameaças, 1.004 lesões corporais dolosas (com intenção de machucar) e nove feminicídios até julho. Em todo o ano anterior, foram 1.912 ameaças, 591 registros de lesão corporal dolosa e três homicídios no primeiro semestre nos municípios do entorno da Capital.

No comparativo com o restante do país, Santa Catarina ocupa a 25ª posição no ranking dos Estados mais violentos – ficando à frente apenas de São Paulo e Piauí, segundo a Comissão Parlamentar Mista da Violência Contra a Mulher, do Congresso Nacional.

Mas cinco municípios catarinenses estão entre os 100 mais violentos para as mulheres, onde há maior registro de feminicídios: Lages (17%), Mafra (45%), Criciúma (83%), Balneário Camboriú (89%) e Chapecó (91%).

## UM SEMESTRE EM QUE AS MULHERES LUTARAM PELA IGUALDADE

### AGOSTO

**Margaridas:** Simbolizando a luta das mulheres camponesas, a marcha reuniu 70 mil pessoas em Brasília numa das maiores mobilizações feministas da América Latina.

### OCTUBRO

**#PrimeiroAssédio:** Tesepectadores foram às redes sociais postar comentários de assédio depois que Valentina Schulz, 12, apareceu no programa de TV MasterChef Júnior Brasil. A ONG Think Olga iniciou a campanha online #PrimeiroAssédio, incentivando o compartilhamento de histórias de abuso.

### NOVEMBRO

**Redação do Enem:** "A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira" é o tema e levanta debates entre os jovens.

**Vamos juntas?:** Mulheres criam grupos no Facebook e WhatsApp para irem juntas a qualquer lugar e, assim, enfrentar o medo de serem agredidas. O assunto foi tema de reportagem do DC.

**Aplicativo contra o assédio:** O Sai Pra Lá foi lançado por uma estudante para mapear o assédio e mostrar os locais onde mais ocorrem cantadas, assírios ou passadas de mão. Foi tema de reportagem do DC.

**#MulheresContraCunha:** Elas vão às ruas protestar contra o projeto de lei 5.069 que dificulta o aborto legal em caso de estupro. O texto foi aprovado pela Comissão de Constituição e Justiça. Em Florianópolis, manifestações ocorreram nos dias 6 e 19.

**#MeuAmigoSecreto:** Mulheres usam hashtags para denunciar nas redes sociais o machismo cotidiano. A exposição dos casos aumentou em 40% as denúncias no Disque 180.

### DEZEMBRO

**16 dias de ativismo:** a campanha se inicia em 25 de novembro, Dia Internacional da Não Violência contra a Mulher, e vai até 10 de dezembro, o Dia Internacional dos Direitos Humanos, passando pelo 6 de dezembro, que é o Dia Nacional de Mobilização dos Homens pelo Fim da Violência contra as Mulheres.

## Desafios no atendimento

Medo, dependência financeira, esperança de que a situação mude e amor. Essas são as principais dificuldades enfrentadas por mulheres que encontram forças para dar um basta à violência.

– São vários os fatores que fazem com que aquela mulher permaneça em situação de violência. E a sociedade não entende isso e ainda tenta encontrar justificativas para elas terem sofrido – explica a assistente social Josiane Madeira Espindola, que atua numa casa de passagem em São José.

Não bastasse a fragilidade psicológica, a mulher ainda encontrará pela frente uma rede de atendimento desintegrada. Apesar da variedade de serviços, os órgãos não se comunicam e a obrigam a fazer uma via-sacra até receber o atendimento necessário.

As mulheres têm à disposição um disque-denúncia (Ligue 180), Delegacias da Mulher, casas de passagem (ou de abrigo) em cada comarca, centros de referência especializados de assistência social, defensoria pública, juizados especializados e a Coordenadoria de Execução Penal e Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher. Mas o que, onde e como são oferecidos nesses lugares é o que se perguntam as vítimas.

– A maioria das mulheres não sabe o que fazer. As coisas ainda estão andando muito devagar – avalia a desembargadora Salete

Silva Sommariva, da Coordenadoria de Execução Penal e Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher do Tribunal de Justiça.

### SÃO NECESSÁRIAS POLÍTICAS ESPECÍFICAS E PARTICIPAÇÃO

A coordenadora de Políticas da Mulher de Florianópolis, Dalva Maria Kaiser, acredita que todas devem participar da formulação das políticas públicas para conhecerem a estrutura à disposição.

Integrante da bancada feminista na Assembleia Legislativa, a deputada Dirce Heiderscheidt diz que a prioridade será trabalhar pela instalação da Casa da Mulher Brasileira em Florianópolis.

– A Casa vai minimizar os efeitos da violência contra a mulher no Estado. Mas essa é uma temática que deve ser trabalhada em várias esferas e sempre, até que não seja mais necessário discutir.

A desembargadora Salete Sommariva acredita na educação do próprio agressor:

– Temos que inserir no currículo escolar, logo nos primeiros anos, disciplinas que impeçam essa formação atravessada e machista dos meninos. Também estamos dando os primeiros passos na inserção do programa de proteção ao agressor, que já existe em outros Estados. Enquanto não tratarmos o agressor, não iremos coibir a violência.

## Perspectivas do próximo ano

No fim de outubro, a estudante da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Marina Juliana Gonçalves, 23, acompanhava pelo noticiário nacional as manifestações em grandes centros do país. Os atos foram organizados por mulheres contrárias ao avanço do projeto de lei 5.069, de autoria do presidente da Câmara, Eduardo Cunha, que dificulta o aborto legal em caso de estupro. Isso a motivou a participar do primeiro evento do tipo em Florianópolis, em 6 de novembro.

– Mesmo antes de ter acontecido a manifestação aqui, estava um clima muito incrível de uma catarse coletiva, sabe? De finalmente as mulheres terem chegado aos seus limites – conta Maju, como é conhecida na articulação do Coletivo Jornalismo Sem Machismo, primeira mobilização acadêmica feminista da UFSC.

Mas a contrariedade ao projeto de lei foi somente o estopim dos eventos batizados de Primavera das Mulheres. Nos cartazes, elas bradavam pelo fim da violência de gênero, por maior igualdade salarial, pelo direito de serem

protagonistas das próprias vidas.

– Cada mulher vai ter uma dificuldade específica e vai vivenciar o machismo de uma maneira diferente. Então isso tudo acaba culminando dentro de uma manifestação como essa – afirma Maju.

A coordenadora do Laboratório de Estudos de Gênero e História da UFSC, Cristina Wolff, acredita que não existe somente um feminismo: há vários movimentos que se unem na luta contra a opressão das mulheres. A tomada de consciência pelos direitos femininos é o grande trunfo dessa nova fase.

– O momento atual é uma nova efervescência. As pessoas começaram a ver a ameaça de retrocesso. O discurso de alguns políticos conservadores trouxe à tona o questionamento de direitos femininos que a gente achava que já estavam garantidos, mas na verdade não conquistamos. Porque os níveis de violência ainda são inaceitáveis, porque a diferença salarial ainda é inaceitável, porque ainda há mais mulheres desempregadas do que homens, porque o feminicídio continua existindo – conclui Cristina.

**Enfoque Popular**  
**Everaldo Silveira**  
"Pérolas do leitor"

Pérolas do leitor / Curso de Medicina / UFSC / Araranguá

**MAIS RIGOR** –Segundo o Coordenador de Tecnologia da SCGÁS, Willian Anderson Lehmkuhl, um dos cinco representantes do Brasil na organização, a IGU atuará para aprovação de leis internacionais ambientalmente mais restritivas. Com isso, a tendência é haver embate entre o gás natural e as alternativas mais poluentes, como o carvão, o diesel e a biomassa não renovável. "A IGU prepara-se para atuar não só como uma organização técnica, mas também como um órgão de defesa do gás como a solução ambiental para o mundo", afirma Lehmkuhl.

**PÉROLAS DO LEITOR** - (1) Ao invés de ficar azarando, os faladores de plantão bem que poderiam se somar aos que acreditam e se esforçam pela Medicina da UFSC, em Araranguá. (2) Araranguá vertical é mais uma prova do equivocado senso de desenvolvimento, reflexo de um Plano Diretor que não evolui e da falta de pesquisa de

qualidade de vida no mundo. (3) Trabalhando ou em férias? Hoje (ontem) se encerra a "festa" do Natal Verão. De novo, não houve o Coral Infantil com vozes de crianças de todos os bairros e localidades do município. O Natal Verão não pode se resumir a uma festa comercial, mas ser comunitária. (4) O Papai Noel vai voltar pra casa, ou simplesmente ser largado na Praça...

**IMPROVISADO** - Este ano o Papai Noel ficou "sem teto", perdeu a casa do Jardim Alcebiades Seara, acabou improvisado na Casa de Cultura, o que fez com que houvesse a perda do contato mais natural da criança com o "bom velhinho".

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

## **CLIPPING DIGITAL**

Notícias dia 24/12/2015

[Renato Igor comenta a polêmica envolvendo as contas de luz da Ponte de Laguna e da UFSC](#)

Notícias dia 25/12/2015

[UFSC lança revista de Divulgação Científica](#)

Notícias dia 28/12/2015

[Atropelamento](#)

**Mário Motta: três da tarde não são 14h40min**

**Unicamp é melhor universidade do Brasil, segundo MEC**

**Conheça 10 lugares imperdíveis em Florianópolis nesse verão**

**Unicamp é a melhor universidade do Brasil, segundo ranking do MEC**